



NOS CAMINHOS DA PESQUISA EM TRILHAS DA FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS, AMAZÔNIA, BRASIL

Sebastião Rodrigues da Silva Jr.

Faced/PPLSA - Universidade Federal do Pará

Thiago Almeida Vieira

Instituto de Biodiversidade e Florestas - Universidade Federal do Oeste do Pará

submissão: 14.03.2022 aprovação: 18.10.2022

Na literatura acadêmica, diversos autores destacam os procedimentos da pesquisa qualitativa, como o enfoque apropriado para estudar questões relacionadas ao universo das relações sociais, entendendo-as como relações entre seres humanos numa dada realidade social. Segundo Richardson (1989: 38), a “abordagem qualitativa de um problema, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. Minayo (2010), por exemplo, observa que esse tipo de estudo trabalha com o “universo dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo 2010: 21).

Dito dessa forma, então cabe ao pesquisador fazer a imersão no seu *locus* de estudo e utilizando-se das técnicas elencadas pelos renomados cientistas, procurando analisar seu fenômeno, tendo por base um referencial teórico que fundamente sua pesquisa (de forma que ela, ao ser avaliada por seus pares, contenha os elementos necessários e previstos no ritual do fazer pesquisa que configuram a produção do conhecimento acadêmico), por exemplo, utilizar uma abordagem etnográfica que tem em Geertz (2008), um dos seus maiores expoentes, ou em Malinovsky (1984), um dos pioneiros da análise dos povos autóctones.

Esse foi o caminho que construímos ao estabelecer como foco um estudo sobre o Turismo de Base Comunitária em uma Unidade de Conservação do bioma amazônico, neste caso, a Floresta Nacional do Tapajós (Flona Tapa-

jós), região Oeste do Pará.

Para tanto, diversos caminhos e metas foram traçados no afã de se alcançar os objetivos almejados. Inicialmente, um levantamento bibliográfico em base de dados para conhecer a produção sobre a temática, a catalogação desse material para posterior leitura dos textos, o debate com parceiros de pesquisa, bem como demais procedimentos que pudessem contribuir com a análise do fenômeno em tela.

No entanto, como bem observou Malinovsky (1984), a respeito dos imponderáveis da vida real, o campo não só pode mudar seus objetivos como sua percepção sobre o objeto. Ou como expôs Pozzobon (2013), no seu estudo sobre os índios Maku:

chegando na aldeia, terminou o divertimento. Tive que me entregar à tarefa enfadonha¹ de coletar genealogias, bater fotos, gravar entrevistas e anotar informações no caderno de campo – essas coisas murrinhas que aborrecem antropólogos e índios [...]. (Pozzobon 2013: 59)

Para ele, o que vale, afinal de contas, não é necessariamente o que você anota, o que você escuta, o que você registra, mas o que você sente.

É esse sentimento, que gostaríamos de compartilhar com você, leitor ou leitora, nas páginas seguintes. São registros de uma imersão em uma das 24 comunidades não indígenas da Floresta Nacional do Tapajós, que nos mostra que mais que objetivos de pesquisa, mais que hipóteses, análises, resultados e discussões, o que importa é o que você sente, o que você vê e principalmente o que você aprende.

1 Enjoada, no original.

REFERÊNCIAS

Geertz, Clifford. 2008. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Malinosvski, Bronislaw. 1984. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné e Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural.

Minayo, Maria Cecília S. 2010. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

Pozzobon, Jorge. 2013. *‘Vocês brancos não têm alma’: histórias de fronteiras*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue; São Paulo: Instituto Socioambiental.

Richardson, Roberto Jarry. 1989. *Pesquisa social: Métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.



Foto 1 – Rio Tapajós (Amazônia brasileira): parece mar, mas é um rio que tem suas águas encostando no céu, um horizonte bonito de ser contemplado. Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 2 – Pôr do sol no rio Tapajós. Depois de um dia intenso de trabalho, uma dádiva. Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 3 – Ipê-amarelo: a vida se transformando na verde floresta. Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 4 – Seringueiras na margem do rio Tapajós: símbolo de luta e de resistência, inclusive às intempéries da natureza. Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 5 - Não é uma estrada, é um caminho com histórias da relação da floresta com as pessoas. Hoje é também caminho de socialização de conhecimentos desses povos com os visitantes e turistas da Floresta Nacional do Tapajós.
Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 6 - Árvores que não se sobrepõem: o respeito pela outra. Floresta conservada é garantia de vida. Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 7 – Samaúma (*Ceiba pentandra*), a rainha da floresta. Costumeiramente é abraçada pelos visitantes e turistas que a conhecem, isso se estiverem em grupo de várias pessoas. Afinal, grandeza e imponência é com ela. Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 8 - Arte da floresta, arte da natureza. Tá vendo um elefante aí? Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 9 – A dimensão da floresta: a mata, o rio e o céu. Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 10 – No meio da mata, vai uma água gelada, aí? Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 11 – Igapó: árvores que vivem em dois mundos. A resistência aos extremos manifestada na vida de plantas que vivem ora quase totalmente submersas, ora com solo seco. Foto: Silva Jr. (2021).



Foto 12 – Encontros, igarapé e o rio Tapajós. Foto: Silva Jr. (2021).